

Tecladista do
Maroon 5, PJ Morton
lança álbum solo



PÁGINA 3

Novidades do
streaming longe
dos cinemas



PÁGINA 4 E 5

Jornalista
Iara Biderman
estreia na ficção



PÁGINA 7

2º CADERNO

Rodrigo de Paula/Divulgação



Zezé Motta, 80 anos de arte e inspiração

Atriz e cantora combate o racismo estrutural há anos e abriu caminhos para gerações de artistas pretos

Zezé Motta:
'Quando as coisas deram certo pra mim, vi que éramos poucos negros em cena. Comecei a cobrar dos produtores e da mídia sobre essa invisibilidade do negro'

Uma artista que sempre se manteve à frente de seu tempo, Zezé Motta completa 80 anos nesta quinta-feira. Ao longo de sua carreira, que já dura mais de 60 anos, ela se destacou em diversos trabalhos na televisão, no cinema, no teatro e na música. O mais marcante deles foi "Xica da Silva", longa de Cacá Diegues.

Além de seu talento em diversas áreas, Zezé escreveu páginas importantes na história da arte brasileira graças a seu firme posicionamento na luta contra o racismo no Brasil, utilizando sua influência para combater a discriminação e promover a igualdade racial.

Nascida no Rio de Janeiro em 27 de junho de 1944, Zezé começou sua carreira no teatro ainda adolescente. Na década de 1960, ela se tornou um dos principais nomes do Teatro Oficina, de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), um dos grupos teatrais mais importantes das artes cênicas brasileiras. Além de atriz, Zezé também é cantora e compositora. Ela já lançou diversos discos e é conhecida por sua voz marcante.

Na televisão, Zezé Motta se consagrou como uma das atrizes mais populares do país. Ela participou de diversas novelas de sucesso, como "Beto Rockfeller" (1968), "Gabriela" (1975), "Chiquinha Gonzaga" (1999) e "Lado a Lado" (2012).

Continua na página seguinte

Divulgação



Zezé Motta contracenando com Hugo Carvana na comédia *'Vai Trabalhar, Vagabundo'*



'O Nó do Diabo', de Gabriel Martins, terror ambientado no período da escravidão



Zezé em cena de *'Anjos da Noite'*, de Wilson de Barros

Para celebrar os 80 anos de Zezé Motta, diversas homenagens estão sendo realizadas em todo o Brasil. Entre elas, está a mostra "80 Anos de Zezé Motta", que está em cartaz na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, até o dia 9 de julho. A mostra reúne seis filmes da atriz, além de debates e workshops.

E o Canal Brasil preparou uma maratona para comemorar a data. A programação começa na virada do seu aniversário, a partir de meia-noite, com a apresentação do Cinejornal especial e segue por quase 24 horas com a exibição em sequência de 13 filmes emblemáticos que marcaram a trajetória de Zezé no cinema desde a década de 1970.



Com *'Xica da Silva'*, de Cacá Diegues, Zezé conquistou prêmios no Brasil e exterior. Tornou-se a sua personagem mais marcante

Maratona cinéfila com Zezé no Canal Brasil



'Doutor Gama', de Jeferson De, é um dos trabalhos mais recentes de Zezé no cinema, uma trajetória ainda em curso

Uma entrevista inédita com a atriz abre a maratona à 0h, em um Cinejornal comemorativo apresentado por Simone Zuccolotto. Na conversa, Zezé destaca a importância de ser uma mulher negra que, ao longo da vida, conquistou grande destaque no cinema e na televisão. "Quando as coisas deram certo pra mim, vi que éramos poucos negros em cena. Comecei a cobrar dos produtores e da mídia sobre essa invisibilidade do negro. Foi aí que criei um arquivo de atores negros, o Cidan. Apesar de o país ser tão miscigenado, é um país racista, vou ter que brigar por isso", conta Zezé, que em 1984 fundou o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), um espaço que facilitou e potencializou a entrada de artistas negros no audiovisual.

No começo dos anos 1980, Zezé Motta já era um nome de respeito na dramaturgia brasileira. Entretanto, este fato não a livrou do racismo que sofreu pelo fato de fazer par romântico com Marcos Paulo, um ator branco até então visto como um galã e com quem se casaria na vida real.

Zezé também fala sobre suas próximas estreias, papéis marcantes de sua carreira e a chegada aos 80 anos. "Eu fico muito feliz de inspirar as pessoas e de ter conseguido passar, principalmente para as mulheres negras, o poder de olhar e falar: eu também posso!".

Entre os destaques da Maratona Zezé Motta, está o clássico "Xica da Silva", dirigido por Cacá Diegues. O filme é baseado no romance "Memórias do Distrito de Diamantina", do autor João Felício dos Santos. A atriz interpreta a escrava Xica da Silva, que torna-se a primeira dama negra brasileira. O papel rendeu à ela troféus de Melhor Atriz no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no Prêmio Coruja de Ouro de Cinema e no Prêmio Air France de Cinema em 1976, e no Prêmio Governador do Estado de São Paulo em 1977.

Ainda completam a programação os longas-metragens "A Serpente", do diretor Alberto Magno; "Para Viver Um Grande Amor", de Miguel Faria Jr.; "Jubiabá", de Nelson Pereira dos Santos; "Natal da Portela", de Paulo César Saraceni; "Vai Trabalhar Vagabundo", de Hugo Carvana; "Orfeu" e "Tieta do Agreste", de Carlos Diegues; "Bróder", de Jeferson De; "Nó do Diabo", de Gabriel Martins, Ramon Porto Mota, Ian Abé e Jhésus Tribuzi; "Alemão 2", de José Eduardo Belmonte; e "Gonzaga - De Pai Pra Filho", de Breno Silveira.

PJ Morton faz sua diáspora sonora em 'From Cape Town to Cairo'

Álbum foi escrito e gravado durante viagem de um mês do músico pela África

Por Affonso Nunes

Mais conhecido por sua trajetória como tecladista do Maroon 5 desde 2012, PJ Morton explora musicalidade numa viagem à África unindo jazz e R&B no álbum "Cape Town to Cairo", um disco.

O trabalho que sucede o elogiado "Watch the Sun" (2022) foi inteiramente criado em uma jornada de 30 dias pelo continente - de Cidade do Cabo e Johannesburgo,

na África do Sul, a Lagos (Nigéria), Acra (Gana), Cairo (Egito) e de volta à África do Sul - mergulhando nas culturas e comunidades locais. O álbum chega com destaque para "Count On Me", parceria com o astro dos afrobeats Fireboy DML.

"Eu queria capturar as emoções que senti enquanto estava no continente, então prometi que não escreveria nada antes de chegar à África e não escreveria nada depois de sair - acabei gravando todos os meus vocais antes de partir também. Foi



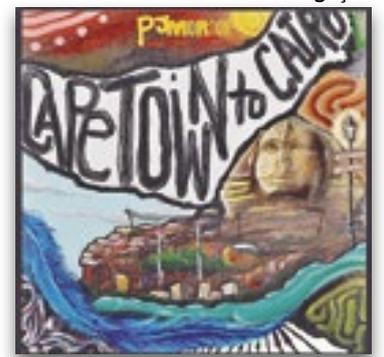
Patrick Melon/Divulgação

Tecladista do Maroon 5, PJ Morton lança álbum solo produzido a partir de suas percepções sobre a África

realmente um experimento em confiar nos meus instintos. Tenho a tendência de pensar demais, como muitos de nós, então queria provocar algo que tivesse reais implicações", conta o músico.

"O que acabou acontecendo foi que todos os meus pensamentos e influências cruas vieram à tona de uma vez. Há, claro, R&B e soul,

mas também há gospel em canções como 'Simunye', pop em 'Count On Me', jazz em 'All The Dreamers', tudo combinado com a inspiração da África. Não tínhamos o luxo do tempo para controlar quais gêneros se encaixariam onde, e as origens de toda essa música começaram na África de qualquer forma. Esse trabalho é uma diáspora em forma de



Divulgação

música, feita do meu jeito", detalha.

Usando a cultura negra como ponte que une sua Nova Orleans natal com diversos pontos do continente africano, PJ Morton se conecta com artistas como Fireboy DML, Mádé Kutí, Asa, Ndabo Zulu e Soweto Spiritual Singers, produtores como P.Priime e The Cavemen., sua própria banda ao vivo e músicos locais. O resultado é um álbum pessoal e transcendental que chega em um momento especial na carreira do artista, que está para lançar sua autobiografia contando como um filho de pregador transformou-se em músico de prestígio internacional.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Um bar de emoções

A cantora, compositora e atriz Bruna Alimonda traz o amor e seus devaneios no seu primeiro álbum solo "Estado Febril", uma fusão de influências musicais que abrangem ritmos latino-americanos e a tradicional MPB, que é a raiz musical de Bruna, junto de referências ao brega romântico recifense que ganha uma recriação visual em filme dirigido por Duda Portella e Millena Rosado. Nele, vemos o desenrolar de um dia num bar contemplando visualmente todas as músicas para refletir a história das pessoas que passam por ele.

Divulgação



Divulgação

Parceria na MPBQueer

A cantora e compositora curitibana Klüber uniu forças com (Filipe) Catto para uma parceria inédita. Lançada originalmente no álbum "Pra Duvidar", "Meu Som" ganhou nova força com a verve roqueira da MPB dessas potências de uma MPB queer. "Essa música surgiu de um momento em que eu me sentia desvalorizada. Resolvi olhar para isso e pensar em toda relação, do micro ao macro. Na época, eu era budista e comecei a experimentar uma levada em Mi menor inspirada na música 'Soledad' da Tuyo. Quando produzimos o disco, veio a onda de fazer um folk-rock", conta.



Divulgação

Remix de um sucesso

Um dos principais hits latinos do momento, "Gata Only" do chileno FloyyMenor ganha uma nova versão com a participação de Anitta e do porto-riquenho Ozuna. O lançamento celebra o sucesso avassalador da canção original e mostra a união de talentos de diferentes regiões da América Latina. "Estou muito feliz com este remix. 'Gata Only' se tornou um hit mundial e o fato de dois artistas como Ozuna e Anitta se juntarem ao remix torna tudo maior e mais especial. Estou muito agradecido por esse apoio e estou empolgado para que todos o escutem", diz.

CORREIO CULTURAL

Platafo

Uma leva de filmes candidatos a cult pula a janela da tela grande e vai diretamente para o streaming, sem lançamento em circuito no Brasil



Reprodução

Não se sabe se Banderas vai dançar no programa

Antonio Banderas é aguardado na final da Dança dos Famosos

Antonio Banderas virá ao Brasil e participará da final do Dança dos Famosos, quadro do Domingão com Huck (Globo), no próximo dia 7. Há algumas semanas, o apresentador Luciano Huck prometeu que faria de tudo para convencer o espanhol a comparecer. Na ocasião, também disse que Fátima Bernardes dan-

çaria com ele um tango, mas a apresentadora preferiu que fosse um bolero. Ela também estará na grande decisão. Apesar disso, não há a certeza de que o astro aceitará o desafio. Até agora, Lucy Alves, Amaury Lorenzo, Tati Machado e Barbara Reis são as celebridades que continuam na disputa em busca do prêmio.

Filme livre

O evento de cinema independente Mostra do Filme Livre está com as inscrições abertas, até 31 de julho, para realizadores de todo o Brasil participarem com seus trabalhos audiovisuais. A seleção final terá exhibições em Brasília, Rio e São Paulo.

Filme livre II

Podem se inscrever filmes realizados em qualquer época, de todas as durações, formatos e gêneros - que não tenham sido exibidos no circuito comercial ou em edição anterior da MFL. Os interessados devem entrar no site www.mostralivre.com.

Trilha sonora

A cantora e compositora Paula Raia assina as músicas originais do espetáculo "Entre a Pele e a Alma", da Focus Cia de Dança, que estreia nesta semana no Teatro Municipal, com Ney Matogrosso interpretando suas canções.

Cultura alemã

"Argus" é a exposição que a Ava Galleria Rio apresenta a partir desta sexta (28), na M. Blois Galeria, para homenagear os 200 anos da Migração Alemã no Brasil. O nome é inspirado no navio que trouxe os primeiros germânicos para o solo brasileiro.



Divulgação

Liam Neeson encara terroristas em 'Na Terra de Santos e Pecadores'

Divulgação



Christoph Waltz dirige e estrela 'Georgetown'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quando se caça alguma novidade na Netflix, o anúncio de "Beverly Hills Cop: Axel F", ou seja, "Um Tira da Pesada 4", salta aos olhos, com Eddie Murphy em mil trapalhadas a se destacar, a força dos Originals, os longas-metragens que são produzidos sob encomenda e sob a verba daquela



Divulgação

'No Vale da Violência', de Ti West, uma homenagem aos western spaghetti

plataforma. A nova aventura do policial malandrão dublado por Mário Jorge estreia aqui no dia 3 de julho, cercada de expectativa.

Mas há - cada vez mais - casos de lançamentos nos streamings que não são de lavra própria e, sim, aquisições de candidatos a cult que as salas de projeção não conseguiram absorver. Um dos casos mais potentes é "Showing Up" (2022), de Kelly Reichardt, lançado aqui como "Esculturas da Vida", via Te-

lecine, que pode ser acessado também pela Amazon Prime.

Indicado à Palma de Ouro de Cannes e incluído na lista dos 10 Melhores Filmes da prestigiada revista "Cahiers du Cinéma", o longa traz Michelle Williams no papel de uma escultora que se prepara para uma nova exposição em meio a uma fase de caos pessoal e profissional. "É uma radiografia da cena criativa das artes plásticas nos EUA, entendendo como as subjetivida-

Prime-se



Divulgação

'O Nosso Tempo', de Carlos Reygadas, leva o México à MUBI

Divulgação



Divulgação

'30 Noites Com a Minha Ex', dirigido e estrelado por Adrián Suar: comédia romântica apoiada no carisma de Pilar Gamboa

Divulgação



'Esculturas da Vida', de Kelly Reichardt



'Old Henry - Retorno da Lenda', de Patsy Ponciroli, uma faroeste cheio de exuberância

des se comportam num momento de tensão”, disse Kelly ao Correio da Manhã em Cannes.

Um modo de lançar parecido ocorreu com “Georgetown”, comédia abrasiva dirigida pelo ator austríaco Christopher Waltz (de “Bastardos Inglórios”), hoje encontrável na Amazon Prime. Ele estrela o filme no papel de um alpinista social que se casa com uma mulher bem mais velha (Vanessa Redgrave) para lucrar com a união.

A trama é baseada em fatos reais. “É um conto sobre a arte de enganar”, disse Waltz no Festival de Tribeca, em Nova York, ao lançar a fita.

Ainda na Amazon, há um trabalho de Liam Neeson que não teve vez na tela grande: “Na Terra de Santos e Pecadores” (“In The Land Of Saint And Sinners”), exibida no Festival de Veneza do ano passado. No enredo, o personagem de Neeson tenta deixar seu passado sombrio para trás, mas é forçado a

agir quando terroristas mobilizam sua cidadezinha.

A já citada Netflix não fica de fora desse bonde e trouxe para o Brasil a joia “No Vale Da Violência” (“In a Valley of Violence”, 2016), de Ti West. Homenagem ao western spaghetti feita pelo diretor do cult “Pearl” (2022). Ethan Hawke é um pistoleiro em busca de paz, com passado de serviço militar nas costas, que arruma encrenca ao chegar a uma cidade arruinada, mas regida com mão



'Django & Django', de Luca Rea: um documentário cinéfilo genial, no qual Quentin Tarantino passa em revista a obra do cineasta Sergio Corbucci (1926-1990)

de ferro por um xerife cheio de estilo (John Travolta, dublado por Mario Jorge Andrade). Os créditos de abertura são um primor.

Outro western de peso preferiu a Netflix ao circuito: “Old Henry – Retorno da Lenda” (“Old Henry”, 2021), de Patsy Ponciroli. Faroeste cheio de exuberância, este thriller rural ambientado no início do século XX conta com o talento de Tim Blake Nelson no papel central. Regado a adrenalina e vitaminado por uma virada de roteiro de cair o queixo, o longa traz o ator no papel de um rancheiro viúvo que tenta proteger seu lar e seu filho de uma tropa de criminosos que buscam uma fortuna roubada. Stephen Dorff é o vilão. As sequências de ação são surpreendentes

No terreno da não ficção, a plataforma também faz bonito e atraca em sua grade o obrigatório

“Django & Django” (2021), de Luca Rea. Trata-se de um documentário cinéfilo genial, no qual Quentin Tarantino passa em revista a obra do cineasta Sergio Corbucci (1926-1990), um dos pilares do western spaghetti, famoso por “Django” (1966), com Franco Nero.

Especializada em trazer para o país produções que não tiveram vez em circuito, a MUBI acaba de incluir em sua grade o imperdível “O Nosso Tempo” (“Nuestro Tiempo”, 2020), de Carlos Reygadas. É um dos filmes de maior potência do realizador de “Luz Silenciosa”

(2007), que se arrisca como ator em cena. Na trama, uma família vive no interior do México criando touros. Esther (Natalia López) é responsável pela gestão do rancho, enquanto o seu marido Juan (o próprio Reygadas), poeta de renome mundial, cria e selecciona os animais. Apesar de terem um casamento aberto, a sua relação começa a desmoronar quando Esther se apaixona por um americano que treina cavalos e Juan é incapaz de controlar os seus ciúmes.

O bloco latino-americano de estreias exclusivas em streamings se estende ao Star + onde há lugar para “30 Noites Com a Minha Ex” (“30 Noches Con Mi Ex”, 2022), de Adrián Suar. Dirigida por um dos comediantes de maior prestígio na Argentina, essa comédia romântica foi um fenômeno popular, apoiada no carisma de Pilar Gamboa. Ela e Suar vivem um casal separado há três anos, com uma filha adulta. Ele, Turbo, é um investidor de sucesso na bolsa de valores. Ela, Loba, é cantora. Mas sua vida foi pro beleléu depois que ela passou por surtos esquizofrênicos dos quais não se recuperou. A fim de ajudá-la, sua psiquiatra recomenda que Loba passe um mês morando com Turbo. Mas essa volta dela ao lar gera desastres.

Mais e melhores lançamentos desse porte estão por vir nos próximos meses, diretamente numa plataforma perto de você.

Gangorra de emoções na hora do jantar

Levemente inspirada em Pedro Almodóvar, espetáculo 'Piano Bar' está em cartaz até o dia 11

Uma nova montagem do espetáculo "Piano Bar" está em cartaz no Café Manuedu, em Botafogo, às quartas e quintas, até o dia 11 de julho. O texto é assinado por João Batista - dramaturgo, professor e fundador da Companhia Dramática de Comédia. A peça conta com o olhar da premiada diretora, coreógrafa e professora Sueli Guerra. No elenco,

Stela Celano, Leandro D' Melo e Greg Young.

A história retrata os diálogos e discussões do jovem casal contemporâneo Regina (Stela Celano) e Marcelo (Leandro D'Melo), durante um jantar. A trama é costurada pelas músicas interpretadas pelo pianista do café, o ator e cantor Greg Young. Um rico repertório recheado de canções consagradas desperta memórias de diversas fases



Divulgação

Stela Celano e Leandro D'Angelo em cena em 'Piano Bar', que explora os conflitos de um jovem casal

do relacionamento e funciona como gatilho para improváveis conflitos, questionamentos e revelações.

Com ritmo dinâmico, tom irreverente e diálogos permeados de humor, a montagem faz uma leve referência à estética dos filmes de Pedro Almodóvar. A instabilidade do relacionamento desse jovem casal assim como sua dificuldade de comunicação são temas extremamente atuais na nossa sociedade permeada de conversas fragmentadas, roman-

ces líquidos e ressignificação dos papéis tradicionais.

"Regina é uma personagem singular, cheia de vida e que se surpreende com a sua própria força. Eu me preparei para esse papel entendendo as nuances dela e como cada atitude sua, por mais imprevisível que pareça, faz parte de um momento importante de autodescoberta e autonomia" comenta a atriz e idealizadora do projeto Stela Celano, atriz formada em Interpretação Teatral pela CAL e Licencia-

da em Dança pela UniverCidade.

A interpretação dos atores convida o público a participar daquela noite, aparentemente feliz, mas que rapidamente pode se transformar em algo trágico e dramático.

SERVIÇO

PIANO BAR

Café Arte Manuedu (Rua Dezenove de Fevereiro, 17, Botafogo) | Até 11/7, às quartas e quintas (20h30)

Ingressos: R\$ 60 R\$ 30 (meia)

A arte de se superar

'Fé Mina' reúne histórias variadas de mulheres

A partir da necessidade de falar sobre o amor na perspectiva feminina, desde a educação oferecida às meninas até o encontro com possíveis relacionamentos abusivos e até o feminicídio, a Cia do Solo desenvolve o espetáculo "Fé Mina - histórias de mulheres". A peça traz leveza crítica à situação, através de uma abordagem cômica, mostrando histórias colhidas pela idealizadora, autora e atriz,

Martha Paiva, em seu repertório pessoal, familiar e no convívio com mulheres, que têm em comum amores abusivos e histórias de superações.

Contemplado no Edital de Chamada Emergencial de apoio ao Teatro "Evoé! RJ", da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC- RJ) através dos recursos da Lei Paulo Gustavo, o espetáculo fica em cartaz no Teatro Dulcina, nos dias 4, 11, 18 e 25 de julho, sempre às 19h, e busca incentivar o protagonismo feminino, reafirmando o papel do humor na promoção da saúde social, emocional e



Renata Duarte/Divulgação

Martha Paiva idealizou o espetáculo a partir de histórias colhidas

social de uma sociedade.

"Nosso objetivo principal é engajar mulheres a busca pelo auto amor, e também estimular a denunciar abusos cometidos dentro do lar, divulgar algumas histórias, possibilitando, a partir delas, reflexões e discussões sobre aspectos

essenciais e urgentes em nossa sociedade, tais como a tolerância, o respeito às diferenças e a cidadania", explica Martha Paiva, atriz e idealizadora do espetáculo.

Com direção de Ana Luíza Bellacosta, "Fé Mina - histórias de mulheres" traz para dentro da dramaturgia contos como "As duas mulheres que conquistaram a liberdade", de origem inuíte, e o "Barba

Azul", de Charles Perrault. As duas referências criam outras camadas narrativas sobre o tema, já que ambos revelam a contínua construção da sociedade através do olhar da mulher selvagem, que transgride o sistema patriarcal.

"Como selvagem, pode-se entender a busca da aproximação consciente e inconsciente das nossas forças ancestrais femininas, que abrangem a cura, a lógica, o maternal, e muito mais. Cabe nesse projeto uma reflexão crítica sobre a condição do papel da mulher nos séculos passados, a gerência do patriarcado e o quanto ele ainda reverbera em nosso tempo", provoca Ana Luíza.

SERVIÇO

FÉ MINA - HISTÓRIAS DE MULHERES

Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17 - Centro) De 4 a 25/7, às quintas (19h) Entrada franca

Jornalista Iara Biderman estreia na ficção com a coletânea de contos 'Tantra e a Arte de Cortar Cebolas'

Por Isadora Laviola (Folhapress)

“Tantra e a Arte de Cortar Cebolas” é o primeiro lançamento literário de Iara Biderman, jornalista com mais de 40 anos de carreira e que começou a escrever ficção há seis anos.

A jornalista diz que ia escrevendo contos despreziosamente até que encontrou sentido suficiente para publicá-los em coletânea. Se a linguagem do livro é bastante influenciada pelo jornalismo, Biderman culpa o “vício profissional” por sua escrita seca e direta, baseada em frases curtas.

Além da linguagem, os 21 contos que compõem a coletânea compartilham também temáticas similares com o jornal - as narrativas mostram pessoas se movimentando pelo cenário urbano, onde a solidão é uma realidade. “São pessoas em deslocamento, cruzando fronteiras, que não querem permanecer no lugar onde estão”, conta a autora.

As fronteiras cruzadas pelas personagens vão além do espaço, ultrapassam fronteiras de incomunicabilidade para entrar em contato com o diferente. “Nos meus contos eu acho que quase todo mundo está meio perdido. E tudo bem que o leitor fique um pouco perdido também.”

A estrutura dos contos de Biderman não finaliza a história, mas a deixa em suspenso. A autora afirma que nunca pensa em como os contos vão acabar



Acervo Pessoal

Divulgação



Iara Biderman revela que não gosta de dar um desfecho a seus contos, e sim deixar os finais em aberto para instigar a imaginação dos leitores

‘Livro é onde se fala dos outros sem culpa’

e para de escrever quando sente que está protelando uma história. Além disso, também cortou partes de alguns contos para dei-

“*Sou perigosa. Fico ouvindo o que as pessoas estão falando, observando o que elas vestem e, a partir daí, invento uma história”*

Iara Biderman

xá-los com final mais aberto.

“Literatura contemporânea é isso, não ter que necessariamente dar uma resposta pronta e fechada”, aponta Biderman, “O legal de publicar é que cada leitor pode dar seus caminhos e destinos para a história.”

Para a autora essa é a diferença entre contar uma história no jornalismo e na literatura. “O didatismo eu deixo para a matéria de jornal”, diz, acrescentando que considera um sinal de respeito não “levar o leitor pela mão”.

A escritora afirma não se sentir no controle das histórias, que vai descobrindo os motivos das personagens ao longo da escrita: “Você nunca vai saber quais são

as motivações de alguém, então você inventa”.

“Eu sou perigosa, porque fico ouvindo o que as pessoas estão falando, observando o que elas vestem, e a partir daí invento uma história”, diz Biderman.

A contista, então, encontra bastante inspiração em coisas que vê ou ouve pela cidade. “O livro é o melhor lugar para falar da vida dos outros sem se sentir culpada”. Ao mesmo tempo, os contos também têm muito de suas próprias experiências.

A narrativa que dá nome ao livro nasceu de um momento de divagação na cozinha de casa, quando buscava inspiração para uma proposta da oficina de escri-

ta criativa de que participava.

“Eu ia fazer o jantar, aí comecei a picar a cebola e falei, é a cebola.” Foi daí que tirou a ideia para o conto “Tantra e a Arte de Cortar Cebolas”, publicado pela primeira vez na revista Piauí em 2019.

A edição da coletânea acontece depois de um momento conturbado na vida da autora: “Minha mãe morreu logo depois de eu receber a confirmação de que o livro seria publicado, e meu pai, pouco antes de ir para a gráfica”.

Fanny e Mauricio Biderman são lembrados na dedicatória deste livro que sua filha pretende que anteceda muitos outros.



Ultra Deep Dive - instalação multimídia de IKaro Cavalcante



Atrator na mar profundo 2 - realidade virtual imersiva, de Tania Fraga

Um templo da nova arte

Meta Gallery abre suas portas no Centro para a arte que nasce dos processos tecnológicos



Sopa Primordial, vídeo de Alexandre Rangel

Circulatory System II, de Anaisa Franco

A arte tecnológica ganha sua primeira galeria no Brasil nesta quinta-feira (27) quando a Meta Gallery abre suas portas na Rua da Assembleia, nº 40, num espaço totalmente dedicado à arte criada e exposta através do uso de tecnologias.

Arte generativa, instalações imersivas, realidade virtual e aumentada, criptoarte e NFT são algumas das formas de criação que

estarão na Meta Gallery, fundada pela Metaverse Agency - a primeira agência brasileira focada no segmento de arte digital e soluções por inovações tecnológicas.

A exposição inaugural da Meta Gallery reúne obras expostas na 1ª Mostra Nacional de Cripoarte, realizada entre novembro de 2023 a fevereiro de 2024 no Centro Cultural Banco do Brasil RJ.



Cyber Morinum, de Suzette Venturelli e cia.

criativo, está em constante atualização e mutação. Não à toa, o Refik Anadol se tornou grande atração do Moma”, ressalta Byron Mendes, diretor da Meta Gallery, referindo-se à mostra do artista turco famoso por uso de inteligência artificial, no Museum of Modern Arts, de Nova York.

“Como, no século 20, vieram o próprio Moma e o nosso MAM, hoje a arte tecnológica passa a ser protagonista, com seus próprios espaços”, acrescenta Byron, que trabalha com gestão de galerias ao longo das duas últimas décadas e, desde 2020, se focou na arte tecnológica.

SERVIÇO MOSTRA NACIONAL DE CRIPTOARTE

Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40, Centro) | De seg a sex (9h às 18h) | Grátis

As atividades da Meta preveem uma programação com base em oito exposições anuais, mostrando a produção de artistas que criam e desenvolvem suas obras por suportes tecnológicos. “A arte, como todo processo